

O trabalho docente na pandemia do covid-19: um recorte na educação superior

Milena Silveira Resende¹
Centro Universitário de Mineiros
Mineiros-GO

Laís Leni Oliveira Lima²
Universidade Federal de Jataí
Jataí-GO

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir sobre o trabalho docente e sua precarização durante a pandemia do COVID-19 no Brasil. Para tanto busca-se como recorte as dificuldades encontradas por docentes do ensino superior frente esse cenário, utilizando como exemplo, as experiências relatadas pelos docentes de uma Universidade do Sudoeste Goiano. O percurso metodológico que guiou essa pesquisa foi o teórico, apreendendo o movimento real do objeto, por meio do materialismo histórico-dialético. É desenvolvido em quatro seções. Na primeira apresentam-se os impactos causados na educação com o surgimento do vírus no mundo até sua chegada ao Brasil. No segundo, teoriza-se sobre o trabalho e o trabalho docente, apresentando os principais teóricos que têm estudado esse tema. Em seguida reflete-se sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores, bem como de que maneira elas foram afetadas e modificadas pela pandemia, tendo como consequência a precarização do trabalho que afeta de forma significativa a saúde do docente e causa sofrimento. Por fim, são apresentadas considerações sobre possibilidades de minimizar as perdas no ensino e possibilidades para melhorar as condições de vida e trabalho do docente.

Palavras-chave: Trabalho docente. Práticas Pedagógicas. Precarização.

Teaching work in the covid-19 pandemic: a cut in higher education

Abstract: The purpose of this article is to reflect on the teaching work and its precariousness during the COVID-19 pandemic in Brazil. Therefore, the difficulties encountered by professors of higher education in this scene are sought out, using as an example, the experiences reported by professors at a University in the Southwest of Goiás. The methodological path that guided this research was the theoretical one, apprehending the real movement of the object, through historical-dialectical materialism. It is developed in four sections. The first presents the impacts caused on education with the appearance of the virus in the world until its arrival in Brazil. In the second, it is theorized about the work and the teaching work, presenting the main theorists who have studied this theme. Then, it reflects on the pedagogical practices developed by the teachers, as well as how they were affected and modified by the pandemic, having as consequence the precariousness of the work, that significantly affects the health of the teacher causing them suffering. Finally, considerations about possibilities to minimize losses in teaching and possibilities to improve the living and working conditions of teachers are presented.

Keywords: Teaching work. Pedagogical practices. Precariousness.

1 E-mail: milena@unifimes.edu.br - Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES)

2 E-mail: lais_lima@ufj.edu.br - Universidade Federal de Jataí (UFJ)

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o trabalho docente e sua precarização durante a pandemia do COVID-19³ no Brasil. Para tanto, apresentamos as condições gerais do trabalho docente no ensino superior, destacando determinados dados referentes aos professores de uma Universidade do Sudoeste Goiano, por meio da *Pesquisa Diagnóstica de Percepção e Avaliação do semestre 2020/1 com ensino mediado por tecnologia*, realizada pelo Núcleo de Formação e Assessoramento Pedagógico (NUFAPE)⁴.

Para realização deste estudo, delimitamos um caminho metodológico, ou seja, um caminho teórico para entender este objeto de estudo, buscando sistematizar intelectualmente um conjunto de categorias e conceitos com objetivo de identificar autores e produções acadêmicas que tem estudado sobre o tema. Para tanto, o estudo foi centrado em três eixos: o trabalho, o trabalho docente e a precarização do trabalho docente no ensino superior no contexto pandêmico e a forma como as práticas pedagógicas foram modificadas causando sofrimento ao docente.

O artigo é dividido em quatro seções, de modo que todas estão interligadas. Na primeira, evidenciamos os impactos provocados pelo surgimento da pandemia na educação. Na segunda, descrevemos os conceitos de trabalho, especialmente o docente, e a transformação dele em teletrabalho. Em seguida refletimos sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores, bem como de que maneira elas foram afetadas e modificadas pela pandemia. E finalmente, na última seção, são apresentadas algumas considerações sobre possibilidades de minimizar as perdas no ensino e as condições de vida e trabalho do docente.

2. A PANDEMIA E SEUS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO

No final do ano de 2019, noticiários de todo mundo divulgaram informações de um novo vírus com potencial pandêmico, surgido em Wuhuan, na China. Desde o seu surgimento, a pandemia do Covid-19 impactou de maneira devastadora a vida, a saúde, e o cotidiano de todos, instituindo uma nova forma de socialização. No Brasil, o primeiro caso foi confirmado no final de fevereiro, instaurando-se um clima de tensão com notícias diárias de casos confirmados que se espalhavam rapidamente. Tal conjuntura atingiu a educação brasileira que, como medida preventiva de disseminação e contenção do contágio, suspendeu as aulas presenciais em todos os níveis de ensino no território nacional, agravando a crise na saúde e, por conseguinte, na educação.

3 Covid-19 é uma doença respiratória que foi identificada pela primeira vez em Wuhan, na China. Seus principais sintomas são febre alta, cansaço, tosse seca, pneumonia e dificuldades para respirar. A doença pode ser transmitida de pessoa para pessoa por meio de pequenas gotículas do nariz ou da boca que se espalham quando uma pessoa com COVID-19 tosse ou espirra. Disponível em: <http://covid-saude.gov.br>. Acesso em 25/04/2021.

4 O núcleo tem como objetivo fomentar as práticas de formação inicial e continuada dos docentes da Universidade do Sudoeste Goiano, mediante momentos formativos para discutir as práticas pedagógicas, metodologias de ensino e tendências da educação superior.

A pandemia criou a necessidade de isolamento e distanciamento social como forma de conter a disseminação do vírus. Nesse sentido, milhões de trabalhadores e trabalhadoras, entre eles os professores, foram obrigados a se adaptar às tecnologias digitais para realizarem suas atividades, criando diferentes formas de trabalhar, interagir, ensinar e aprender. Para corroborar essa informação, segundo a *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD-COVID-19*, evidenciou ao final do mês de setembro de 2020, mais de 7,9 milhões de pessoas trabalhando remotamente.

Mesmo com esse número elevado de pessoas trabalhando remotamente, na educação, milhões de alunos ficaram sem aula por conta da Covid-19, da desigualdade digital, e da inexistência de políticas educacionais para o ensino à distância. Vejamos o que diz o boletim nº 22 da Rede de Pesquisa Solidária da Universidade de São Paulo:

[...]durante a pandemia, milhões de crianças ficaram em casa sem atividades escolares, sendo que destes, os mais pobres foram os mais prejudicados porque perderam até 224 horas aula, o equivalente a 50 dias letivos. Segundo dados de 2020 da Organização das Nações Unidas para a Educação, os sistemas escolares deveriam tornar acessíveis aos estudantes materiais de ensino e de aprendizagem alinhados com currículos nacionais a serem oferecidos por meio de plataformas *on-line*, programas de TV e de rádio e materiais impressos. (JORNAL DA USP, 2020)

Com o objetivo de não deixar que a educação ficasse totalmente parada, o MEC, por meio de portaria apontou um caminho alternativo às Instituições de Ensino: “em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação” (BRASIL, 2020, on-line). Com essa portaria, as instituições de ensino ficaram autorizadas a colocar em prática o ensino remoto emergencial.

Antes, porém, é relevante diferenciar Educação à Distância (EaD) e Ensino Remoto Emergencial (ERE), mesmo que ambas façam uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) para operacionalização.

A expressão ensino remoto passou a ser usada como alternativa à educação a distância (EAD). Isso, porque a EAD já tem existência estabelecida, coexistindo com a educação presencial como uma modalidade distinta, oferecida regularmente. Diferentemente, o “ensino” remoto é posto como um substituto excepcionalmente adotado neste período de pandemia, em que a educação presencial se encontra interdita. (SAVIANI, GALVÃO, 2021, p. 38)

Essa modalidade que está sendo ministrada com a utilização das TDIC, tem recriado o modelo presencial para que os estudantes tenham acesso aos conteúdos educacionais. Mas é importante não as confundir porque EaD e ERE são semelhantes apenas no fato de utilizarem as tecnologias digitais.

A adoção do ensino remoto, mediado por tecnologias digitais, evidenciou determinados problemas. Dentre eles destacamos a desigualdade social percebida de forma escancarada no Brasil através da exclusão de estudantes de famílias mais carentes, ou que vivem em ambiente rural; a falta de acesso à tecnologia e acesso rápido e confiável à internet; oferta inadequada de serviço educacional por falta de preparo e estrutura; deterioração da qualidade no ensino; aumento na quantidade de trabalho de casa e atividades acadêmicas; professores e alunos mais agitados e ansiosos; preocupação excessiva com a avaliação, e não menos importante, a nova configuração do trabalho docente em tempos de pandemia.

O cenário de pandemia operou transformações radicais no cotidiano dos indivíduos. Mudanças ideológicas, de valores, hábitos, costumes e crenças. Mudanças culturais, econômicas, políticas e tecnológicas atuaram diretamente no modo de pensar, sentir e agir, produzindo uma explosão de informações, brutalmente agravado pela pandemia do Covid-19. Novos arranjos objetivos e subjetivos foram sendo produzidos no dia a dia dos indivíduos. Isso nos faz refletir sobre as transformações que o sistema educacional sofreu, em especial, a presença física do professor junto ao aluno. Desse modo, percebemos que as tecnologias digitais, além de influenciarem nosso cotidiano, convivência, relações sociais e humanas, incidiu diretamente nas práticas pedagógicas do professor, que passou a usá-la para ensinar e para se reaproximar dos alunos.

De modo geral, os professores, passaram a utilizar recursos tecnológicos, que antes poderiam não ser tão aceitos. Os docentes se viram diante de uma situação em que foi necessário se apropriar da tecnologia e colocá-la a favor do desenvolvimento das práticas pedagógicas para que elas contribuíssem com o processo de aprendizagem. Ou seja, as tecnologias digitais tornaram-se instrumentos de trabalho para desenvolver a prática docente.

As possibilidades de estudos e debates são infinitas diante dos impactos apresentados. Porém, iremos aprofundar o debate no que diz respeito a composição e modificação do trabalho docente, considerando as mudanças impostas pelo cenário pandêmico.

3. CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO DOCENTE

Para fazer uma reflexão sobre o trabalho docente, é preciso entender, inicialmente, o conceito de trabalho. Marx (1983) apresenta esse conceito definindo-o como uma interação consciente entre homem e o ambiente em que está inserido. Do mesmo modo, para Marx e Engels (2004), trabalho é

a forma pela qual os homens produzem seus meios de vida depende, sobretudo da natureza dos meios de vida já encontrados e que eles precisam reproduzir. Não se deve, porém, considerar tal modo de produção de um único ponto de vista, ou seja, a reprodução da existência física dos indivíduos. Trata-se muito mais de uma forma

determinada de atividade dos indivíduos, de uma forma determinada de manifestar sua vida, um modo de vida determinado. (MARX; ENGELS, 2004 p. 44).

Marx e Engels entendem que o trabalho é essência humana e condição fundamental para o desenvolvimento do ser humano e da sociedade. Nesse mesmo sentido, Saviani (1994) contribui esclarecendo que

O ato de agir sobre a natureza, adaptando-a às necessidades humanas, é o que conhecemos pelo nome de trabalho. Por isto podemos dizer que o trabalho define a essência humana. Portanto, o homem, para continuar existindo, precisa estar continuamente produzindo sua própria existência através do trabalho. Isto faz com que a vida do homem seja determinada pelo modo como ele produz sua existência. (SAVIANI, 1994, p. 2)

Mediante os conceitos apresentados, entende-se que o trabalho não é qualquer atividade, mas uma ação consciente e intencional com objetivo definido. É nesse sentido que o homem se diferencia dos demais seres vivos, uma vez que pensa para depois agir.

A educação é um fenômeno que é próprio do ser humano e com isso podemos pensá-la como um processo de trabalho. Na existência humana temos dois tipos de processos de trabalho: o material e o não-material. Para Saviani (1994) o trabalho material é aquele em que há a produção de bens materiais.

[...] para traduzir materialmente, o homem necessita antecipar em ideias os objetivos da ação, o que significa que ele representa mentalmente os objetivos reais. Essa representação inclui o aspecto de conhecimento das propriedades do mundo real (ciência), de valorização (ética) e de simbolização (arte). (SAVIANI, 1994, p. 1)

Os aspectos citados por Saviani abrem a perspectiva para o outro tipo de processo de trabalho: o não-material. A educação está inserida nessa categoria, pois, “trata-se aqui da produção de conhecimentos, ideias, conceitos, valores, símbolos, atitudes, habilidades”. Isso acontece, pois não há separação do ato de ensinar com o seu consumo, uma vez que “a aula é, pois, produzida e consumida ao mesmo tempo (produzida pelo professor e consumida pelos alunos)” (SAVIANI, 1984, p. 2). Sendo assim, não se separa a educação do seu ato de produção pois ela é uma relação entre dois agentes realizando uma atividade educativa: professor e aluno.

Pelo exposto, o trabalho docente, que é complexo e diverso, é um processo de trabalho imaterial. Pela docência, o professor expressa seu comprometimento com a formação de pessoas por meio dos processos de ensino e aprendizagem que transmite valores e conhecimentos para a vida desses indivíduos.

Dessa maneira, destacamos o que Basso (1998) diz sobre o trabalho docente ao explicar que seu significado

é formado pela finalidade da ação de ensinar, isto é, pelo seu objetivo e pelo conteúdo concreto efetivado através das operações realizadas conscientemente pelo professor, considerando as condições reais e objetivas na condução do processo de apropriação do conhecimento pelo aluno. (BASSO, 1998, p. 5)

Para compreender melhor o trabalho docente, é preciso entender que se trata de um conjunto de ações conscientes com objetivo de desempenhar mediação entre aluno e conhecimento, conforme destaca Duarte (1993, p. 47-48)

O indivíduo se forma, apropriando-se dos resultados da história social e objetivando-se no interior dessa história, ou seja, sua formação se realiza através da relação entre objetivação e apropriação. Essa relação se efetiva sempre no interior de relações concretas com outros indivíduos, que atuam como mediadores entre ele e o mundo humano, o mundo da atividade humana objetivada. A formação do indivíduo é, portanto, sempre um processo educativo, mesmo quando não há uma relação consciente (tanto de parte de quem se educa, quanto de parte de quem age como mediador) com o processo educativo que está se efetivando no interior de uma determinada prática social.

Faz parte do trabalho docente, a ação mediadora entre a formação do aluno na vida cotidiana em que ele se apropria espontaneamente da linguagem e costumes, com a formação do aluno no âmbito escolar, onde ocorre o acesso à educação formal.

Neste sentido, os processos de ensino e aprendizagem são destaques no trabalho do professor, pois são traduzidos, em cada uma das suas decisões e atitudes, e por isso, não devem ser restringidos ao cotidiano da sala de aula, mas, estar presente em todos os aspectos do trabalho, enquanto docente. Na sala de aula, professor e aluno desenvolvem uma forma de estudar a realidade a qual estão inseridos, para compreender formas de pensar e agir, por meio dos conhecimentos adquiridos. Entendendo que o estudo e conhecimento, não são prontos e acabados, o trabalho do docente no processo de ensino e aprendizagem, é definido pela busca constante e aquisição de novos conhecimentos, habilidades e valores (GIOVANI, 2000; SEVERINO, 2003).

A docência é um trabalho que envolve participação, comunicação e coletividade, baseado no diálogo e na troca de experiências, e que por isso, se diferencia, de outras formas de trabalho humano, entendendo-o como trabalho constituído e como atividade humana, em processo de construção histórica.

Nessa perspectiva, não podemos deixar de apresentar o conceito de teletrabalho, que foi imposto aos docentes durante a pandemia. A presença das tecnologias digitais de informação e comunicação mudou drasticamente a forma como o docente desenvolvia seu trabalho. Desde o

início da pandemia, o ato de ministrar aulas passou a ser desenvolvido em um espaço de comunicação e sociabilidade, que permitiu a transação de informações e conhecimentos, denominado ciberespaço. Nesse espaço, ocorre o teletrabalho, ou seja, o ato pedagógico à distância, e mediado por tecnologia, conforme evidencia Veloso e Mill (2017) que o definem como “uma forma de trabalho na qual empregados e empregadores estão dispersos geograficamente, contudo, mantêm-se conectados por meio de tecnologias.” Mais do que nunca, a afirmação de Grinspun (1999) é verdadeira e atual, ao dizer que a tecnologia não pode ser ignorada e que a educação deve possibilitar que o homem transite nas redes, teias e valores de novos conhecimentos.

O trabalho pedagógico, em virtude da pandemia do Covid-19, remoto e mediado por tecnologia, se enquadra como teletrabalho, pois trata-se de uma atividade realizada sem supervisão presencial da coordenação ou demais gestores. Isso ocorre, ainda, com intenso uso tecnológico para que haja comunicação e transmissão de atividades e informações entre docente, aluno e gestão. Portanto, o trabalho docente na educação mediada por tecnologia é teletrabalho e está sujeito aos aspectos positivos e negativos que permeiam a educação à distância.

Dessa forma, uma modalidade de teletrabalho, *home office* ou trabalho remoto, deixou de ser uma possibilidade a ser adotada pelas instituições de ensino e se transformou em necessidade imediata, fazendo com que o trabalho docente passasse por grandes transformações e desafios.

Ao fazer uso das TDIC, o docente, no desenvolvimento do seu trabalho, pode utilizar diversas ferramentas tecnológicas a fim de proporcionar um ambiente mais colaborativo, interativo e que propiciasse autonomia aos alunos na busca de novas formas de comunicação e produção de conhecimento.

A evolução tecnológica é perceptível e influencia diretamente a educação e o trabalho dos professores, pois está cada vez mais presente nos contextos educativos, em especial na educação superior, espaço em que ela tem sido substancial não apenas para o ensino, mas para a produção da pesquisa e da extensão.

As tecnologias digitais potencializaram o poder da comunicação, ao passo que minimizaram o poder da geografia, pois reconfigurou o sentido da palavra “distância” e permitiu a flexibilização de tempo e espaço. A educação e o trabalho docente que eram presenciais passaram a ser mediados por tecnologias e a utilização dessas que, antes eram secundárias e utilizadas apenas como métodos auxiliares no processo educativo, tornou-se a principal ferramenta de trabalho. A pandemia forçou, até mesmo àqueles professores mais resistentes ao uso das tecnologias digitais, a substituírem o quadro pelas telas, aplicativos digitais e salas virtuais. Nesse sentido, Kirchner (2020, p. 46) afirma que “a pandemia nos colocou frente ao desafio de pensar a escola, nos retirando a sala de aula, o ambiente que sempre foi o lugar de estabelecer os vínculos principais de mediações de conhecimento.”

Desse modo, muitos foram os problemas encontrados, sobretudo, porque boa parte dos professores não dominavam, e nem foram preparados para uma educação mediatizada por tec-

nologias, mas é certo, que esse momento contribuirá para ressignificar a relação entre os docentes e o uso das tecnologias digitais.

4. O PROFESSOR E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM MEIO À PANDEMIA

A necessidade de interrupção das atividades acadêmicas movidas pela pandemia, se concretizou de inúmeras formas e foi objetivada com o propósito de não perder o ano letivo, de evitar a evasão dos alunos e tirar as instituições de uma situação de ausência de ensino. Desse modo, muitas IES optaram por oferecer essas atividades em ambientes de aprendizagem virtual, adotando o ensino remoto emergencial, que se configura como um conjunto de procedimentos didáticos para o desenvolvimento das ações de ensino mediadas por tecnologia da informação e comunicação.

O trabalho docente é uma atividade que sofreu muito com a crise econômica, sanitária e educacional provocada pela pandemia. Foram muitas transformações mediante às soluções emergenciais, entre elas o ensino remoto, que afetaram de forma significativa a categoria. Nesse sentido, o que observamos é que tal medida, em sua maioria, foi tomada sem planejamento adequado, de forma improvisada, sem estrutura mínima e principalmente sem a preparação e formação dos docentes para esse novo formato de aula mediado por tecnologias digitais, o que, segundo Ball (2014), pode produzir incertezas quanto a forma de condução do trabalho, bem como as formas de organizá-lo.

Foi imposto um regime de atividades que impactou a configuração do trabalho docente e sinalizou para sua precarização no sentido de que houve o aumento na jornada de trabalho, sem cômputo de horas extras e sem a devida capacitação para isso. Esse fato é nomeado por Zaidan e Galvão (2020) como a superexploração da força de trabalho, visto que esse passa a fazer parte de todos os momentos do cotidiano das professoras e professores, sem que eles possam computar formalmente as horas extras ou até mesmo serem preparados para utilizarem as ferramentas para as aulas remotas.

Portanto, a precarização do trabalho docente fica evidente diante das condições de trabalho que perdura por praticamente dois anos. Rosenfield (2011, p. 264), define o trabalho precário como o “[...] trabalho socialmente empobrecido, desqualificado, informal, temporário e inseguro.” Insegurança diante das transformações repentinas foi o que predominou no trabalho docente durante a pandemia.

Nessa perspectiva, Valle e Marcom (2020) contribuem dizendo que

A situação ora vivenciada tem desafiado a sociedade e demandado essencialmente dos profissionais da educação e dos estudantes romper com práticas tradicionais arraigadas e atividades que tentam, a todo custo, manter uma sensação de “normalidade” no processo educacional. Contudo, não podemos negar que a educação e a escola

sofreram profundos impactos, especialmente no modo como se organizava a própria PP docente. (VALLE; MARCOM, 2020, p. 139)

É perceptível que as práticas pedagógicas (PP) foram afetadas e transformadas ao passo que a didática da presença foi substituída pelo teletrabalho, aumentando a complexidade do fazer pedagógico.

Diante de tantos desafios, faz-se necessário a promoção de momentos de planejamento e formação docente, para que juntos, possam promover mudanças significativas nas práticas pedagógicas e processo de ensino aprendizagem. Thurler (2002, p. 94) diz que: “[...] a mudança é construída, coletiva e progressivamente, se os atores que dele fazem parte dispuserem de margens de manobras suficientes para, [...] resolver os problemas encontrados”. Por isso, é importante esses momentos de formação, para que os atores trabalhadores envolvidos sejam ouvidos, relatem experiências, fragilidades, e em conjunto, seja possível fazer uma reflexão a fim de encontrar as melhores possibilidades e estratégias para diminuir os impactos negativos no processo de ensino aprendizagem e para que os efeitos do isolamento social não sejam tão nocivos.

O período vivenciado é de grande instabilidade e mudanças para a educação e para os docentes. Segundo Zaidan e Galvão (2020)

Professoras e professores experimentaram uma mudança brusca em suas rotinas, que se caracteriza pela penetração insidiosa do trabalho em todos os espaços e momentos de seu cotidiano, não importando que seus empregadores (o governo ou os donos de escola) não lhes tenham garantido estrutura para o teletrabalho (ZAIDAN; GALVÃO, 2020, p. 264)

O teletrabalho docente, em sua maioria, foi uma decisão institucional em que os professores não foram consultados, por isso dizemos que foi imposto. O resultado dessas decisões, foi que de uma hora para outra, os professores foram obrigados a ter domínio de diversas ferramentas tecnológicas como: aplicativos de reuniões ao vivo, *softwares* para gravação e edição de vídeos de suas aulas, plataformas para publicação de vídeos e materiais didáticos, entre outros.

A ação docente foi afetada e totalmente redesenhada pelos fatores citados. Com a pandemia, houve uma aceleração na utilização das tecnologias digitais que forçou a adaptação do docente ao uso das TDIC. Para aquele momento, esta foi a alternativa encontrada para que as aulas continuassem em andamento, porém, ao custo de uma sobrecarga e acúmulo de trabalho do lado professor que se viu “abarroto de trabalhos para corrigir, mensagens de e-mails e aplicativos, fóruns de ambientes virtuais e outros para dar conta” do seu fazer pedagógico. (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p. 43).

Para além desses fatores, partiu-se de uma suposição de que alunos e professores tinham acesso à internet de qualidade e equipamentos tecnológicos compatíveis utilizadas na realiza-

ção das aulas. Porém, essa situação ideal de que todos têm domínio e possuem as ferramentas tecnológicas digitais adequadas, que não seja apenas o celular, e acesso à internet, não passa de uma situação hipotética, pois conforme mostra a Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2019, no Brasil, ainda temos 1,4 milhões de casas que só possuem computador e não tem acesso à internet, e 18,9 milhões de casas que não possuem nenhum dos dois. (TIC DOMICÍLIOS, 2019).

Ao final do primeiro semestre de 2020, o Núcleo de Formação e Assessoramento Pedagógico - NUFAPE de uma Universidade do Sudoeste Goiano, realizou uma pesquisa diagnóstica de percepção e avaliação do ensino mediado por tecnologia. Como demonstrado no gráfico 1, há uma dificuldade em dominar as tecnologias digitais para realização da prática docente, bem como as condições de acesso à internet não são ideais.

Figura 1 – Gráfico 1 – Nota atribuída por cada docente em relação à sua experiência com uso de tecnologias.

Fonte: NUFAPE (2020)

A pesquisa realizada pelo NUFAPE foi enviada a 244 docentes, dos quais 161 responderam. Os professores foram convidados a atribuir uma nota que refletisse sua experiência com o uso de tecnologias digitais, e o resultado foi que mais de 70% dos professores (considerando as notas 1 e 2) não dominavam nada ou dominavam muito pouco as ferramentas tecnológicas utilizadas em seu teletrabalho.

Nessa perspectiva, Kirchner (2020, p. 50) corrobora com a situação demonstrada na Universidade do Sudoeste Goiano ao fazer um relato vivido pelos docentes da educação infantil de em uma determinada rede municipal em seu estudo, “muitos professores revelaram a dificuldade em realizar de forma efetiva as intervenções, principalmente quando iniciaram as gravações de áudios e vídeos, além de algumas limitações com o uso das tecnologias e pela timidez.”

Dados divulgados na pesquisa do Instituto Península (2020), mostram que para mais de 80% dos 7773 professores entrevistados, de todos os estados brasileiros, se sentem nada ou pouco preparado para ensinar de forma remota.

Portanto, o docente, de qualquer nível educacional, da rede privada ou pública, tem passado pelas mesmas dificuldades no uso das tecnologias e conseqüentemente sofrido com a sobrecarga de trabalho e as obrigações de aprender a utilizar de forma adequada as mais diversas ferramentas tecnológicas disponíveis e amplamente utilizadas nesse formato de aula mediada por tecnologia.

Nesse sentido, Santos (2014) afirma que:

Não basta ter acesso ao computador conectado à internet. É preciso, além de ter acesso aos meios digitais e sua infraestrutura, vivenciar a cultura digital com autoria criadora e cidadã. Saber buscar e tratar a informação em rede, transformar informação em conhecimento, comunicar-se em rede, produzir textos em várias linguagens e supor-

tes são saberes fundamentais para a integração e autoria na cibercultura. (SANTOS, 2014, p. 83).

Para além da falta de domínio, outros problemas, não menos importantes, e que afetam a prática pedagógica foram apontados pelos professores, conforme mostra o gráfico 2. Nessa questão, os docentes poderiam indicar um ou mais motivos.

Figura 2 – Gráfico 2 – Motivos que dificultam o uso da tecnologia.

Fonte: NUFAPÉ (2020)

A partir das informações demonstradas, inferimos que a falta de qualidade na internet utilizada pelos docentes é um fator que gera problemas seguido de perto pela falta de domínio na utilização das tecnologias digitais e falta de cursos de capacitação para uso adequado das tecnologias necessárias para ministrar as aulas. Aliado a esses fatores, podemos acrescentar, o curto prazo para se adaptar às mudanças impostas, cobrança por resultados, bem como a preparação de material que mantenham os alunos estimulados.

Esse fato pode ser evidenciado pela pesquisa do Instituto Península (2020), ao mostrar que mais de 55% dos professores pesquisados, não receberam nenhum tipo de capacitação para ensinar à distância utilizando as tecnologias digitais.

Além das perguntas de múltipla escolha, os docentes, sujeitos dessa pesquisa, deixaram seus depoimentos, narrando suas experiências. Destacamos três depoimentos, transcritos na íntegra. Identificamos cada narrativa com nomes genéricos, pois a pesquisa não foi identificada.

Não tinha domínio sobre o uso dessas ferramentas, porém no YouTube é possível encontrar muitos tutoriais sobre o uso.

(Professor 1)

Minha dificuldade maior foi com a estabilidade da minha internet para suportar essas ferramentas.

(Professor 2)

A adaptação às novas ferramentas leva tempo e alguns erros acabam sendo cometidos, comprometendo a qualidade do ensino.

(Professor 3)

É visível como as instituições de ensino, ao adotarem o ensino remoto emergencial, encontraram uma forma de manter o vínculo com os estudantes, porém, os professores encontraram muitas dificuldades, destacadas por Gatti (2020):

o estudo e aprendizagem de conteúdos curriculares novos em modo de isolamento, com apoios delimitados pela situação remota, dificuldades de atenção e concentração, o estresse de alunos pela situação do isolamento, por excesso de conteúdos emitidos

ou de tempo dedicado diante de tela de computador ou outro aparelho digital, trocas relativizadas pelo esforço comunicativo demandado, falta do calor dos laços presenciais, entre outras situações, o estresse dos professores pela exigência rápida de novas *performances*, de preparação de aulas virtuais demandando mudanças em perspectivas didáticas, esforço de manejo técnico de instrumentos não habituais em sua rotina de trabalho. (GATTI, 2020, p. 33)

Analisando o cenário de dificuldades encontradas pelos professores, Gatti (2020) reconhece:

[...] esse cenário provoca efeitos emocionais para todos, em níveis variados, considerando ainda que há ambiguidades na compreensão da situação de isolamento e da própria doença que é foco da pandemia; há o receio do contágio, mais ou menos consciente; a angústia do isolamento em relação a colegas e amigos; ansiedades relativas a compreensão de conteúdos escolares e desempenho; sensação de pressão, de cobrança, e aparecimento de estafa pelo esforço de atenção necessário e tempo diante de vídeo, gerando até sentimento de rejeição aos estudos pelo limite dos contatos possíveis. (GATTI, 2020, p. 33)

Assim, “[...] a profissão docente [...] é aquela em que os profissionais devem enfrentar o desconhecido e a mudança permanente.” (LE BOTERF, 2003, p. 58).

A formação dos professores raramente contempla a utilização de ferramentas tecnológicas para a educação mediada por tecnologia. Por isso, há pouca familiaridade com as plataformas digitais e muita dificuldade em utilizá-las. Apenas as tecnologias digitais foram disponibilizadas e os docentes e alunos tiveram que aprender como utilizá-las. Nesse sentido, percebemos que as condições de trabalho do professor se tornaram precárias, pois um regime de trabalho com uso intenso de tecnologias, foi imposto, o que alterou sua rotina e expôs a falta de estrutura para realização do teletrabalho. Muitos docentes, não possuíam nenhum espaço em casa como, biblioteca ou estúdio para transmissão das aulas e acabaram transmitindo-as da sala, do quarto ou de qualquer outro lugar da casa não adaptado para esse fim.

Desse modo, a tecnologia, ao invés de propiciar alívio aos docentes em sua prática pedagógica, proporcionou jornadas de trabalho extenuantes, pois, além do horário destinado a preparação do conteúdo e ministração as aulas, precisaram ficar conectados em tempo integral, disponíveis para se comunicar com coordenadores, gestores e com os alunos a fim de tirar dúvidas e dar suporte nos estudos e realização de atividades. Levou-se muito mais tempo para preparar o conteúdo da aula mediada por tecnologia, uma vez que havia muito medo de que essas e os conteúdos produzidos fossem publicados pelos alunos nos meios digitais; havia o receio de que os alunos transformassem as aulas gravadas em memes⁵, expondo o docente a situações

⁵ A expressão meme é usada para descrever um conceito de imagem, vídeos, Gifs relacionados ao humor, que se espalha via Internet.

constrangedoras; havia a necessidade de materializar o conteúdo ministrado em *slides* para facilitar a exposição e compreensão da aula; e ainda existia a preocupação com direitos autorais, de imagem e de produção intelectual por parte dos professores.

Portanto, o ensino remoto apresenta alguns fatores negativos que evidenciamos: a falta de interatividade entre docentes e alunos, a fusão da vida em família com a vida profissional e como consequência desse fator, o aumento da jornada de trabalho que invadiu o tempo de não trabalho. Acrescenta-se a isso, o acúmulo de funções domésticas com o trabalho docente, expressa nas demandas de trabalho que chegam a qualquer dia e hora da semana e que, espera-se que sejam solucionadas com rapidez. Saviani e Galvão (2021, p. 42) resumem muito bem o cenário dessa modalidade de ensino: “no “ensino” remoto, ficamos com pouco ensino, pouca aprendizagem, pouco conteúdo, pouca carga horária, pouco diálogo. Em contrapartida, temos muitas tarefas.”

Outro aspecto que merece atenção é o fato de que os docentes têm seu espaço de descanso, lazer e relaxamento invadidos, pois, ao transmitirem suas aulas de casa, ela se torna pública e de conhecimento de toda a comunidade acadêmica. A rotina da casa e da família se torna pública, ao passo que, gera constrangimentos. Os espaços que eram de repouso tornaram-se locais de trabalho.

O WhatsApp, as redes sociais Instagram e Facebook, antes particulares, agora se tornaram meios para contato profissional e interação entre docentes e alunos e com as famílias. Essa confusão entre vida profissional e vida pessoal não é algo exclusivo da pandemia, mas nota-se que esse rompimento de limites entre pessoal e profissional foi acentuado no cenário pandêmico.

Com a globalização da tecnologia, houve uma fusão dos limites de espaço e tempo. Em decorrência disso, o professor é solicitado a qualquer hora para realizar suas atividades docentes, mesmo que não esteja em horário de trabalho e mesmo que não esteja presencialmente nas instituições de ensino. Todos esses fatores contribuem para que o docente trabalhe sob pressão e sob constante vigilância da sociedade sobre o que é ensinado. O teletrabalho fez com que o docente vivenciasse seu trabalho de forma insegura e em permanente estado de tensão e angústia.

[...] a implementação do ensino remoto contribui para a intensificação do adoecimento docente. Pois, além da pressão e vigilância impostas que podem se configurar em assédio, o uso constante das tecnologias, com as quais nem todos são familiarizados, amplia as possibilidades de adoecimento físico e mental. A elevação da carga de trabalho se dá, ainda, em condições subjetivas desfavoráveis, uma vez que muitas e muitos docentes têm que lidar com o teletrabalho em meio a afazeres domésticos e demandas familiares. (INFORMANDES, 2020, p. 12).

Segundo Silva, Bernardo e Souza (2016), a precarização do trabalho ocorre quando vivenciamos ritmos intensos e competitivos, quando há falta de reconhecimento e valorização

social e rupturas de trajetórias profissionais, fatores que podem levar ao adoecimento físico e mental do trabalhador, nesse caso, dos docentes.

As atividades sob a responsabilidade dos docentes estão aumentando cada vez mais, e isso implica em trabalho intenso que ocupa o tempo que deveria ser destinado a descanso com atividades relacionadas a prática docente. Nessa perspectiva, Lemos (2011) enfatiza que a necessidade de trabalhar nos tempos de lazer ocorre em razão da intensificação das múltiplas tarefas que o professor deve realizar, o que leva ao seu desgaste físico e psicológico.

Saviani e Galvão (2021), reconhecem a tecnologia como a extensão dos braços humanos que tem como objetivo facilitar seu trabalho. Ela deveria fazer com as pessoas tivessem mais tempo de se relacionar umas com as outras ao invés de se isolarem frente ao computador. Porém, o que impede que as pessoas tenham mais tempo livre para lazer é

[...] a apropriação privada dos meios de produção e dos produtos do trabalho, fazendo com que, de meios de libertação dos indivíduos humanos o trabalho pesado e meio de redução do tempo de trabalho socialmente necessário, a tecnologia se converta em instrumento de submissão da força de trabalho a um tempo sem limite, conduzindo o ser humano à exaustão. (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p. 39)

Para além de todas as preocupações mencionadas que por si só causam estresse, o isolamento social provocou nos professores, um desgaste físico e emocional que gera sofrimento, e que podem resultar em vários problemas relacionados à saúde mental, como fadiga, depressão, abuso de álcool e drogas, suicídio, falta de sono adequado, síndrome de Burnout, entre outros. Nessa perspectiva, Facci e Esper (2020, p. 72) compreendem que “o sofrimento e o adoecimento são uma forma de reação do sujeito aos obstáculos que encontra em seu processo de desenvolvimento.”

Em pesquisa intitulada Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do coronavírus no Brasil, realizada pelo Instituto Península (2020), entrevistou-se professores da educação infantil ao ensino médio das redes pública e privada. A pesquisa revelou que os sentimentos mais comuns entre esse grupo são: ansiedade, tédio, cansaço, estresse, sobrecarga e frustração.

A mesma pesquisa revela que os docentes estão preocupados com a saúde física e mental e que gostariam de ter mais apoio psicológico e emocional para o enfrentamento das situações adversas pelas quais estão passando com o ensino remoto.

Como já enfatizado, percebemos que esses sentimentos não estão restritos apenas aos professores do ensino infantil, fundamental e médio, mas a todos os trabalhadores e trabalhadoras da educação de todos os níveis de ensino.

O aumento das demandas de trabalho que invadem a vida pessoal do docente traz um fator preocupante, a sobrecarga psicológica, por isso é de extrema importância que as instituições forneçam meios de amparo e cuidado à saúde emocional dos docentes, para evitar que estes se

sintam cada vez mais desestimulados e façam parte da tríade sofrimento, adoecimento e afastamento.

Importante que as instituições de ensino priorizem a saúde mental do docente definindo ações no planejamento estratégico, tanto para o atual formato de trabalho, teletrabalho, quanto para a retomada das aulas em formato presencial ou híbrido. É preciso que haja planejamento para ações preventivas da saúde a fim de minimizar os impactos psicológicos causados pelas tensões do trabalho docente. Nas palavras de Atié (2020), socióloga e educadora, em entrevista realizada pelo Laboratório Inteligência de Vida, devemos “[...] cuidar de quem ensina”, pois o esgotamento físico e emocional do docente é semelhante ao dos profissionais da saúde. Nesse sentido, Gatti (2020, p.) diz que “acima de tudo, o respeito ao limite humano para o trabalho com e dos alunos, presencial/virtual/remoto, para o planejamento e execução das ações pedagógicas, tempo demandado e esforço de ambos, devem ser considerados.”

As incertezas e constantes mudanças que permeiam a atualidade e as condições de trabalho impostas pelo contexto pandêmico são fatores causadores de angústia e sofrimento a todos os trabalhadores e trabalhadoras. O cenário em que nos encontramos se mostra cada vez mais imprevisível, e isso exigirá, esforço e dedicação extra de todos para o seu enfrentamento e superação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade, ainda que em menor proporção e com boa parte da população vacinada, ainda vive o medo do vírus, que causou tanto comprometimento à rotina das pessoas por todo mundo. Aos poucos, estamos vivenciando o retorno gradativo às aulas presenciais, não em sua totalidade, mas com a hibridização do ensino, ou seja, o uso das tecnologias e o ensino remoto não sairão de cena, mesmo que utilizados de forma mais limitada.

Nesse momento a tecnologia fará a integração do espaço e tempo, possibilitando ao aluno dois espaços de aprendizagem: o físico (escola) e o digital. Por isso, cabe às IES buscarem meios de minimizar as perdas no processo de ensino e aprendizagem e possibilidades para melhorar a qualidade de vida e condições de trabalho dos trabalhadores e trabalhadoras da educação.

Sabemos que a substituição das aulas presenciais em sua totalidade por aulas remotas mediadas por tecnologia teve efeitos negativos, porém, é preciso pensar em possibilidades que visem minimizar as perdas no ensino. Diante disso, elencamos determinadas possibilidades que as IES podem adotar no retorno as aulas presenciais, dentre elas: realizar uma avaliação diagnóstica a fim de identificar as dificuldades de aprendizagem e a partir daí planejar uma forma de recuperação; realizar cursos de extensão e atividades complementares com objetivo de suprir os conteúdos práticos e realizar as aulas práticas em horários alternativos, procurando não sobrecarregar alunos e professores. Preparar estrutura tecnológica e treinamento adequado

para os professores, quando da necessidade de retorno as aulas presenciais gradativamente, em formato híbrido.

Esse cenário inimaginável pelo qual estamos passando fez com que os professores trabalhassem como nunca em uma rotina extenuante de aulas mediadas por tecnologia. É preciso que as IES busquem alternativas para melhorar as condições de trabalho dos professores a fim de minimizar a sobrecarga física e emocional que estão enfrentando. É preciso que as IES priorizem em seus planejamentos estratégicos, ações preventivas de acompanhamento da saúde a fim de minimizar a sobrecarga psicológica e consequentemente prevenir o sofrimento e adoecimento docente.

Determinadas ações podem ser consideradas nesse sentido: investir em um núcleo de formação e assessoramento pedagógico com o objetivo de proporcionar momentos formativos, de reflexão e compartilhamento de experiências, frustrações e casos de sucesso, para que seja menos penoso a realização das aulas remotas; criar canal de comunicação e suporte constante na solução de problemas que ocorrem durante as aulas e que geram desgaste para alunos e professores; respeitar o número de horas da jornada de trabalho, não exigindo que os docentes estejam conectados e disponíveis em tempo integral; disponibilizar núcleo de atendimento psicológico gratuito para orientação de fatores de ordem emocional, pessoal e familiar que estejam interferindo na realização do trabalho docente e para que seja possível proporcionar bem estar ao docente e não sofrimento.

As opções são diversas, porém, para que a realização de qualquer uma delas seja possível, é preciso, sobretudo, escutar alunos e professores, deixar que eles façam parte do processo, pois é mediante o diálogo que o enfrentamento das adversidades se torna possível e as possibilidades são construídas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AITÉ, L. Socióloga defende o papel do professor e propõe mais momentos de reflexão sobre a pandemia. Porvir. 2020. Disponível em: <https://porvir.org/sociologa-defende-papel-do-professor-e-propoe-mais-momentos-de-reflexao-durante-pandemia/>. Acesso em 28 de mai de 2021.

BALL, S.J. **Fazendo neoliberalismo: mercados, estados e amigos com dinheiro**. In: BALL, S.J. Educação Global SA: novas redes políticas e o imaginário neoliberal. Ponta Grossa: UEPG, 2014.

BASSO, I. S. **Significado e sentido do trabalho docente**. cad. CEDES v. 19, nº 44, Campinas, 1998. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt . Acesso em 16 de mai de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CP N°: 5/2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1450 Acesso em 16 de mai de 2021.

DUARTE, N. **A individualidade para si**. Campinas, Autores Associados, 1993.

FACCI, M. G. D.; ESPER, M. B. S. B. **Adoecimento e medicalização de professores universitários frente a precarização e intensificação do trabalho**. In: Movimento-Revista de Educação. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/42453/27639>. Acesso em: 10 de abr de 2021.

GATTI, B. A. **Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia**. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.003>. Acesso em 29 de abr de 2021.

GIOVANI, L. Indagação e reflexão como marcas da profissão docente. In: GUARNIERE, Maria R. **Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência**. São Paulo: Autores Associados, 2000.

GRINSPUN, Z. (Org.). Educação tecnológica. São Paulo. Cortez: 1999.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD-COVID-19**. 2020. Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/trabalho.php>. Acesso em: 08 de mai de 2021.

INFORMANDES. Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - ANDES-SN. Ensino remoto em substituição ao presencial? Tô fora! Informativo n. 106, julho de 2020. Disponível em: https://www.andes.org.br/img/midias/750baf505abe750a87729de257316e06_1596736630.pdf. Acesso em 20 jun 2021.

INSTITUTO PENÍNSULA. **Relatório de Pesquisa. Sentimento e Percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Corona Vírus no Brasil**. Estágio Intermediário. Junho de 2020. Disponível em: <https://www.institutopeninsula.org.br/pesquisa-sentimento-e-percepcao-dos-professores-nos-diferentes-estagios-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 29 de abr de 2021.

JORNAL DA UPS. **Inexistência de políticas educacionais deixa milhares de estudantes sem aula no Brasil**. Setembro de 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/inexistencia-de-politicas-educacionais-deixa-milhares-de-estudantes-sem-aula-no-brasil/>. Acesso em: 05 de abr de 2021.

KIRCHNER, E. A. Vivenciando os desafios da educação em tempos de pandemia. In: PALÚ, Janete; SCHUTZ, Jenerton Alan; MAYER, Leandro. (Org.). **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020.

LE BOTERF, G. **Desenvolvendo a competência dos profissionais**. São Paulo: Artmed, 2003.

LEMOS, D. Trabalho docente nas universidades federais: tensões e contradições. Caderno CRH, Salvador, v. 24, p. 105-120. 2011.

MARX, K. & ENGELS, F. A Ideologia alemã: Feuerbach – A Contraposição entre as Cosmovisões Materialista e Idealista. Trad. Frank Muller; São Paulo: Martin Claret, 2004

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultura, 1983.

NUFAPE, Núcleo de Formação e Assessoramento Pedagógico. **Pesquisa de percepção e avaliação do semestre 2020/1 com ensino mediado por tecnologias**. Mineiros-GO, 2020.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2019** [livro eletrônico] - Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. 1ª. ed. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201123121817/tic_dom_2019_livro_eletronico.pdf. Acesso em 10 de ago de 2021.

ROSENFELD, C. L. Trabalho decente e precarização. Tempo Social, São Paulo, São Paulo, V. 23, n.01, p.247-268, jun. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12660>. Acesso em 20 de abr de 2021.

SANTOS, J. A. de J. Quem são e onde estão os sujeitos da escola em tempo de pandemia? **Revista Educação**, São Paulo, v.1, n.2, 2014.

SAVIANI, D.; GALVÃO, A. C. **Educação na Pandemia: a “falácia” do ensino remoto**. COVID-19. Trabalho e saúde docente. In: ANDES-SN. Universidade e Sociedade 67. Pandemia da Covid-19-Trabalho e saúde docente, Jan. 2021. Disponível em: https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf. Acesso em 25 de jun de 2021.

SAVIANI, D. **O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias**. In: Novas tecnologias, trabalho e educação. Petrópolis /RJ: Vozes, 1994.

SAVIANI, D. **Sobre a natureza e especificidade da educação**. 1984. Disponível em: <http://ifibe.edu.br/arq/20150911214634120944442.pdf>. Acesso em 06 de out de 2021.

SEVERINO, A. J. Preparação técnica e formação ético-política dos professores. In: BARBOSA, Raquel, B. **Formação de professores: desafios e perspectivas**. São Paulo: UNESP, 2003.

SILVA, M. P.; BERNARDO, M. H.; SOUZA, H. A. **“Relação entre saúde mental e trabalho: a concepção de sindicalistas e possíveis formas de enfrentamento”**. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, vol. 41, dezembro, 2016.

THURLER, M. G. Da avaliação dos professores a avaliação dos estabelecimentos escolares. In: PERRENOUD, Philippe. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VALLE, P. D.; MARCOM, J. L. R. Desafios da prática pedagógica e as competências para ensinar em tempos de pandemia. In: PALÚ, Janete; SCHUTZ, Jenerton Alan; MAYER, Leandro. (Org.). **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020.

VELOSO, B. G.; MILL, D. **Teletrabalho Docente na Educação a Distância: Sobrecarga nas Atividades dos Trabalhadores**. Disponível em: http://anaisbr2017.redeestrado.org/files/abstracts/000/000/084/original/Braian_Veloso__Daniel_Mill.pdf. Acesso em 27 de out de 2021.

ZAIDAN, J. M.; GALVÃO, A. C. “**COVID19 e os abutres do setor educacional: a superexploração da força de trabalho escancarada**”. In: AUGUSTO, C. B.; SANTOS, R. D. (orgs.). **Pandemias e pandemônio no Brasil**. São Paulo: Instituto Defesa da Classe Trabalhadora, 2020.